

## **GESTÃO DA DIFUSÃO E COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO NA CULTURA ACADÊMICA ENTRE PESQUISADORES**

**Maria Teresinha Tamanini ANDRADE (1); Núbia Moura RIBEIRO (2)**

(1) CEFET/BA, Rua Emídio dos Santos, s/n - Barbalho, CEP: 40301-015

Salvador – Bahia, Tel.: (55) 71 2102-9400, e-mail: [tamanini@cefetba.br](mailto:tamanini@cefetba.br)

(2) CEFET/BA, e-mail: [nubia@cefetba.br](mailto:nubia@cefetba.br)

### **RESUMO**

A difusão, o compartilhamento e a gestão do conhecimento fornecem os elementos para uma compreensão sobre a ciência universitária dinamizada pela relação recíproca e dialética entre a produção do saber e sua socialização comunicativa. A produção científica contemporânea reporta às bases da constituição e sobrevivência de qualquer grupo social em qualquer tempo e lugar, e se relaciona com os processos de criação, organização, gestão, difusão e controle do conhecimento. A sociedade é desafiada a compreender como se relacionam esses processos com a complexidade de fatores que envolvem seu compartilhamento entre grupos de pesquisa e pesquisadores no interior das instituições de ensino. Sobretudo hoje estas instituições enfrentam uma série de determinações e rupturas sociais, culturais, políticas, econômicas ligadas a variadas perspectivas epistemológicas acerca das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Assim, lançar esforços para estudar esse fenômeno pode contribuir para a compreensão de uma questão fundamental no desenvolvimento da ciência, que são seus meios materiais de produção enquanto ferramentas – objetos – que podem alterar e romper paradigmas sobre os quais se sustentam teorias fixadas na dinâmica do compartilhamento e difusão do conhecimento nas instituições de ensino e pesquisa. Neste trabalho é proposto um estudo da interação dos fatores de ordem cultural que atuam na dimensão grupal e individual das dinâmicas comunicativas dos pesquisadores e grupos de pesquisa enquanto parâmetro para compreender como se engendram os processos de difusão e compartilhamento do conhecimento no contexto acadêmico. Trata-se de uma compilação de bibliografias, baseada num estudo etnográfico, entendendo etnografia como a descrição de um sistema de significados culturais de determinado grupo. Os resultados e contribuições esperadas são a constatação de que a difusão e o compartilhamento do conhecimento têm sido base da inovação e da produção de novos conhecimentos.

**Palavras-chave:** Difusão, Compartilhamento e Gestão do Conhecimento; Cultura Acadêmica; Grupos de Pesquisa; Pesquisadores; Tecnologias da Informação e Comunicação

## 1. INTRODUÇÃO

A difusão, o compartilhamento e a gestão do conhecimento fornecem os elementos para uma compreensão sobre a ciência universitária dinamizada pela relação recíproca e dialética entre a produção do saber e sua socialização comunicativa. A produção científica contemporânea reporta às bases da constituição e sobrevivência de qualquer grupo social em qualquer tempo e lugar, e se relaciona com os processos de criação, organização, gestão, difusão e controle do conhecimento. A sociedade é desafiada a compreender como se relacionam esses processos com a complexidade de fatores que envolvem seu compartilhamento entre grupos de pesquisa e pesquisadores no interior das instituições de ensino. Sobretudo hoje estas instituições enfrentam uma série de determinações e rupturas sociais, culturais, políticas, econômicas ligadas a variadas perspectivas epistemológicas acerca das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Segundo Garvey (1979) a comunicação como essência da ciência inclui atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação. A informação perpassa essas atividades iniciando-se com a fase de identificação do problema de pesquisa, entendido como o processo de criar ou classificar novos conhecimentos através de várias fontes de informação organizadas por canais em redes de comunicação informais e formais. E prossegue até que as informações sobre os resultados das pesquisas sejam aceitas como constituintes transformadores do conhecimento científico por meio de sua socialização.

Do mesmo modo, Bachelard (1996, p. 295) diz que a produção do conhecimento científico está atrelada a um problema psíquico-social: a construção de sua objetivação. Segundo o autor, “a ciência moderna trabalha com materiais experimentais e quadros lógicos socializados há muito”. Sob esta ótica, o conhecimento não nasce naturalmente da imanência do objeto ou do pesquisador, mas sim de uma construção no âmbito da alteridade (o olhar do outro), levando em consideração as concepções e jogos de poder. Esses jogos de poder, segundo Bourdieu (1989), envolvem a questão da legitimidade do conhecimento por meio de sua difusão e compartilhamento entre pesquisadores e grupos de pesquisa, e destes para com a comunidade não-universitária.

Essa dinâmica epistemológica do conhecimento apresenta notáveis contradições. Segundo Machado (2005), a imprescindível difusão do conhecimento, enquanto solo de toda construção científica faz saltar aos olhos uma série de obstáculos comunicacionais, derivados da própria estrutura compartilhada da ciência. De acordo com Leite e Costa (2006) há raras iniciativas direcionadas à gestão da difusão e compartilhamento do conhecimento científico resultante de atividades de ensino e pesquisa no ambiente acadêmico, gerando um radical contra-senso.

Diante de tal problemática indagamos sobre quais seriam os possíveis motivos que levam contraditoriamente nossa sociedade “do conhecimento e da informação”, onde as Tecnologias da Informação e Conhecimento (TICs) atuam quase em estado ubíquo, enfrentar tamanha viscosidade na difusão e compartilhamento das ciências? Mais ainda, pensando em uma sociedade onde a produção científica e o desfrute das TICs se concentram, em grande parte, nas instituições de ensino/universidades corporificadas pela imagem dos centros de excelência na produção e difusão do saber, indagamos: como estas, através de seus professores, estudantes e pesquisadores, podem sofrer contraditoriamente impedimentos na difusão e compartilhamento de seus saberes?

Para Machado (2005), a maior parte dos obstáculos na difusão e compartilhamento do conhecimento decorre de práticas culturais arraigadas, insuficiência de informação, falta de padrões de referência e também aquela que parece ser a mais tacanha das razões: a luta pelo poder, onde se formam sistemas de pensamentos estratificados de maneira meritocrática. A motivação para publicar nasce da busca de autoridade e prestígio. Todavia, as TICs abalam o controle pessoal e grupal sem planejamento ético institucional, provocando o cultivo de inúmeras engenhosidades estáticas e conservadoras que constituem certa cultura acadêmica tradicional, ou até mesmo medieval, como preferem Schugurensky e Naidorf (2004). Conforme Gil Villa (1998), tal comportamento está atrelado ao impacto que certa cultura docente sofreu ao vivenciar o deslocamento de sua autoridade científica para a dinâmica das novas mídias, onde o “professor encontra um sério concorrente em matéria de comunicação”. Quando a comunicação podia ser controlada pelo professor, a interpretação do conhecimento estava inteiramente sobre seu poder. Diferente do produzir e publicar cientificamente hoje, que significa expor idéias há um campo imensamente heterogêneo em visões e críticas estranhas e desconhecidas para os antigos sistemas de difusão que se limitavam aos seus pares.

Para Schugurensky e Naidorf (2004), ocorreu uma mudança gradativa, da “autonomia para a heteronomia”, na dinâmica das produções acadêmicas, provocando posicionamentos político-epistemológicos conservadores. Assim, dialogando com esses autores, pensamos que a cultura acadêmica é constituída por

inúmeras culturas tecidas pela dialética entre discursos, representações, motivações, normas éticas, concepções, visões e práticas institucionais e não institucionais, acadêmicas ou não, que resistem ao próprio fundamento comunicacional da ciência moderna, hoje intensamente movimentada pelas TICs.

Deste modo, partindo da hipótese fundamental que aponta tal problemática como de cunho cultural, evidenciam-se tensões dialéticas entre os agentes que atuam para manter e conservar os poderes acumulados por práticas meritocráticas entre indivíduos e pequenos grupos e o inconformismo dos que se encontram imbuídos de espírito cultural democrático. A faceta meritocrática da universidade tem agenciado e aculturado as TICs enquanto ferramentas de difusão e compartilhamento para o controle da ciência universitária. Mas por que e como isso ocorre? Existem grupos organizados? Trata-se de um amalgama de ações individuais inconscientes e/ou conscientes? Está relacionado com o desempenho de saberes tácitos ou explícitos? Enfim, o que e como essa problemática é constituída?

Desafiados por essas questões fomos ao encontro de Geertz (1989), para sugerir um recorte etnográfico do pensamento moderno, como um meio para compreender as complexas dimensões culturais que agem na comunicação das produções científicas universitárias. Na visão desse autor, a etnografia tem suas origens nas perguntas que realizamos sobre como os outros – distantes ou próximos – organizam seus mundos significativos na constituição cultural. De tal modo, estritamente para esta pesquisa propomos investigar os sistemas culturais e de pensamento na produção científica das comunidades científicas universitárias na prática da difusão e do compartilhamento do conhecimento por meio das TICs.

Assim, nosso objetivo é estudar como interagem os fatores de ordem cultural que atuam na dimensão grupal e individual das dinâmicas comunicativas dos pesquisadores em seus grupos de pesquisa enquanto parâmetro para compreender como se engendram os processos de difusão e compartilhamento do conhecimento no contexto acadêmico.

Como objetivos específicos pretendemos analisar como são sentidas e administradas tensões entre os grupos de pesquisa e os pesquisadores que assumem diferentes concepções de conhecimento e que buscam a construção de novos campos que carecem muitas vezes de linguagem própria. Pretendemos, também, identificar se há elementos de ruptura na cultura comunicacional dos pesquisadores que lhes permitam romper com antigos padrões conservadores face ao compartilhamento do conhecimento em direção ao coletivo. Pretendemos, ainda, analisar como os discursos, as motivações e as normas éticas dos pesquisadores interagem com as concepções e práticas institucionais e acadêmicas de compartilhamento do conhecimento, e, por fim, verificar no âmbito das políticas de ciência e tecnologia se elementos técnicos, culturais e da política científica indicam perspectivas de difusão e compartilhamento do conhecimento.

Para tanto, o foco da pesquisa será o estudo da dinâmica de difusão e compartilhamento do conhecimento, envolvendo sua produção, entre pesquisadores e grupos de pesquisa da Rede Interativa de Pesquisa e Pós-Graduação em Conhecimento e Sociedade (RICS), que é formada por várias instituições de ensino e pesquisa (Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia - CEFET/BA, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, Laboratório Nacional de Computação Científica – LNCC e Faculdade Visconde de Cairu) serão realizados estudos interdisciplinares sobre a relação conhecimento/sociedade na contemporaneidade relacionados com os processos de difusão e compartilhamento. Ponderamos ser a RICS um solo seguro e fértil para nosso estudo, pois que se trata de uma organização institucional com suas finalidades bem definidas, porém, com suas contradições ainda por serem investigadas. Devido a sua amplitude, delimitamos estudar os projetos Modelagem Computacional da Difusão do Conhecimento e Gestão do Conhecimento no Nordeste Brasileiro: Espaço de Produção do Conhecimento e de (In)formação de Gestores.

## **2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

As instituições de ensino/universidades são grandes produtoras de conhecimento científico, tecnológico, cultural, artístico e histórico. Segundo Rezende (MCT, 2008), o Brasil ocupa a o 15º lugar nas publicações científicas no mundo. Pesquisadores de instituições nacionais foram responsáveis por 1,92% dos artigos publicados em 2006 em periódicos indexados de todas as áreas do conhecimento. O número de doutores formados anualmente triplicou nos últimos dez anos e diversas pesquisas desenvolvidas no País ganharam destaque no cenário internacional.

Para aqueles que produzem ou contribuem para a produção desse conhecimento, é fundamental que ele seja difundido e compartilhado a fim de alcançar impacto e reconhecimento socializados. Para Machado (2005) a

universidade tem compromisso com a divulgação do que tem sido produzido na instituição, seja para demonstrar a competência de seus quadros ou até para justificar o emprego de recursos públicos em pesquisas. Mas, principalmente, a difusão do conhecimento é motivada porque o pesquisador precisa ter acesso ao conhecimento científico produzido na sua e em outras áreas, cujos produtos (resultados) e processos (metodologias) são insumos básicos no processo de novos trabalhos científicos e intelectuais.

Assim, o compartilhamento do conhecimento tem sido base da inovação e da produção de novos conhecimentos. Mais que uma alternativa, difusão do conhecimento é uma necessidade, sendo estrutural na ciência. Para Meadows (1999) a intenção comunicativa se torna vital para a ciência na medida em que a esta não cabe reivindicar com legitimidade este nome enquanto não houver sido analisada e aceita pelos pares.

Na perspectiva de Gestão do Conhecimento de Castells (1999); Sveyby (1998); Nonaka e Takeuchi (1997), o conhecimento tem valor econômico, é um bem de capital que pode ser negociado enquanto poder de barganha. Para Drucker (1992), o poder econômico de uma empresa está mais em suas capacidades intelectuais e de serviço do que em seus ativos imobilizados. A maioria dos produtos e serviços depende principalmente de como os “fatores intangíveis baseados no conhecimento” – *know-how* tecnológico, projeto do produto, apresentação de marketing, compreensão do cliente, criatividade pessoal e inovação – podem ser desenvolvidos. Não obstante, a etapa de difusão e compartilhamento do conhecimento a qual esse processo está atrelado, para Leitão (2006), é complexa e de difícil administração, conforme os fatores tecnológicos, culturais e sistêmicos envolvidos.

Segundo Leite e Costa (2006), o compartilhamento do conhecimento é um dos pontos convergentes entre o sistema de comunicação científica e às atividades da gestão do conhecimento. Os autores ressaltam que o status da prioridade das atividades de compartilhamento do conhecimento dos indivíduos de uma comunidade científica é, em parte, resultado de prioridades organizacionais como as manifestadas em políticas e práticas. Portanto, a disseminação efetiva do conhecimento científico necessita, além do sistema de comunicação, de mecanismos que garantam o desenvolvimento e aplicação que visem auxiliar na gestão da difusão e compartilhamento do conhecimento científico.

Por esse caminho, entendemos que no contexto do conhecimento científico, as tecnologias desempenham função estratégica, tanto no que diz respeito às atividades de difusão e compartilhamento do conhecimento, quanto nas transformações ocorridas como resultado de sua introdução nos processos inerentes ao sistema de comunicação científica. Essas transformações trazem consigo inúmeras possibilidades, dentre elas a agilização do processo de comunicação e o aumento da interação entre membros das comunidades científicas.

Levamos ainda em consideração que devido ao fato de as produções científicas brasileiras estarem concentradas nas instituições de ensino/universidades, mais estritamente nas mãos de seus produtores, professores/pesquisadores, cuja função social, além de pesquisar, é difundir os conhecimentos produzidos, é de grande valor indagar sobre os princípios dos obstáculos que a difusão e compartilhamento do conhecimento enfrentam no uso das TICs no interior do complexo cultural acadêmico formado por sua comunidade de pesquisadores, que no uso de suas atribuições, agem segundo discursos, valores, interesses, normas individuais ou dos grupos aos quais pertencem.

Diniz e Saldanha (2007) dizem que quando nos reportamos à importância do conhecimento científico tanto no meio acadêmico quanto para o desenvolvimento científico e tecnológico de um país, é que entendemos a necessidade de discutir e refletir academicamente à cerca desta temática. Para Fujino e Hyodo (2006) a produção científica, decorrente das pesquisas desenvolvidas em universidades, oferece mais do que apenas indicadores de avaliação institucional. Os novos conhecimentos gerados nessas pesquisas têm repercussões não apenas na comunidade científica nacional, mas servem de medida para o avanço científico do país em relação à comunidade internacional.

A *European Research Area* em seu *Green Paper* (2007) afirma que a geração, a difusão e o compartilhamento do conhecimento são o núcleo dos sistemas de pesquisa. O conhecimento gerado pelos sistemas de pesquisa deve circular sem barreiras para toda a sociedade. Assim, é importante que países em desenvolvimento, como o Brasil, realizem estudos, desenvolvam e implementem projetos que visem à inserção do País nesse contexto. Com isso, sugere-se não somente o fomento e investimento no desenvolvimento científico e tecnológico, mas também na democratização e no direcionamento da ciência e tecnologia para o atendimento das demandas locais, universitárias ou não, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades no interior das comunidades científicas e nas comunidades de não cientistas (FRÓES BURNHAN, 2002).

### 3. METODOLOGIA

Como mencionado anteriormente, este trabalho apresenta uma compilação de bibliografias, baseada num estudo etnográfico acerca de nossa problemática. A abordagem etnográfica mostra notória adequação ao nosso estudo quando entendemos através das palavras de autores como Geertz (1989) e Spradley (apud LUDKE e ANDRÉ, 1986), que a etnografia é a descrição de um sistema de significados culturais de determinado grupo. Ainda segundo esses autores, a etnografia como ciência da descrição cultural envolve pressupostos específicos sobre a realidade e formas particulares de coleta e apresentação de dados.

É nesse sentido que Macedo (2004) diz que as etnopedquisas têm o contexto como sua fonte direta de dados e o pesquisador como o seu principal instrumento, que, no uso de sua fundamentação teórica e procedimentos técnicos e tecnológicos, explora diferentes maneiras de abordar e interpretar seu objeto. Portanto, o pesquisador em contato com o ambiente, a situação que está sendo investigada e os dados da realidade, toma uma atitude predominantemente descritiva, sendo que os aspectos supostamente banais ou informais em termos de status de dados são significativamente valorizados, quando registrados em suas mídias.

Assim, percebemos a objetividade como o termo de um processo construtivo e metódico da constituição do saber que consiste em acumular, classificar informações e fazer a crítica argumentada dos seus limites inerentes ao processo de produção, encontrados tanto no quadro teórico quanto nas técnicas e tecnologias utilizadas. Dessa forma, nossa experiência com a construção desse campo de investigação poderá sempre ser relativizada, flexibilizada e redirecionada em direção a sua objetivação a partir do estudo de várias fontes de pesquisa, que nos permitirão acessar certo número de saberes suscetíveis de serem completados e/ou retificados.

O trabalho de campo especificamente a ser realizado para esta pesquisa será constituído inicialmente um conjunto daquilo que denominamos fontes de pesquisa e compreenderá toda sorte de fatos etnográficos que serão coletados observando reuniões formais e informais entre pesquisadores e suas produções individuais e coletivas; bem como os espaços onde os resultados dessas dinâmicas são disponibilizados para difusão e compartilhamento, tais como, atas de reuniões, relatórios, listas de discussão, listas de e-mails, páginas de internet, diretórios dos grupos de pesquisa do CNPq, da Plataforma Lattes do CNPq, além do desempenho do grupo em eventos científicos.

Existem atualmente na RICS vários projetos em andamento que estão sendo desenvolvidos pelos grupos de pesquisa. Para delimitar o escopo do nosso estudo, escolhemos dois destes projetos: Modelagem Computacional da Difusão do Conhecimento e Gestão do Conhecimento no Nordeste Brasileiro: Espaço de Produção do Conhecimento e de (In)formação de Gestores, por envolver pesquisadores de várias instituições realizando estudos multi e interdisciplinares.

### 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para a análise e interpretação dos dados vamos inicialmente nos aproximar da compreensão lançada por Geertz (1989) em sua proposta de *etnografia do pensamento moderno* e de Lüdke e André (1986), para os quais analisar significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa: relatos de observação, transcrições de entrevistas, análises de documentos e demais informações disponíveis. A tarefa da análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados segundo novas leituras, buscando relações e inferências em um nível de abstração mais elevado. Ainda segundo Ludke e André (1986), a análise está presente em vários estágios da investigação, tornando-se mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados. Este processo compreende a obtenção, classificação, codificação e a catalogação dos dados/materiais.

### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a difusão e o compartilhamento do conhecimento têm sido base da inovação e da produção de novos conhecimentos e que, mais que uma alternativa, são uma necessidade, nossa proposta se

torna relevante na medida que lançamos esforços para estudar esse fenômeno. O estudo visa contribuir para a compreensão de uma questão fundamental no desenvolvimento da ciência, que são seus meios materiais de produção enquanto ferramentas influentes – objetos – que podem alterar e romper paradigmas sobre os quais se sustentam teorias fixadas na dinâmica do compartilhamento e difusão do conhecimento no complexo cultural acadêmico.

A partir desse exercício de compreensão, vislumbramos possibilidades de promoção de experiências de gestão que possam abrir caminhos para uma noção planejada de difusão mais compartilhada. Busca investigar e revisar velhos caminhos e espaços de interlocução epistemológica, com o fim de pensar segundo novas formas de acessibilidade ao diálogo do conhecimento. Sabemos que difusão e compartilhamento sofrem hoje inúmeros entraves nos processos de gestão. Mas estamos seguros de que devemos nos empenhar no sentido de investigar as tramas tensivas que entravam as possibilidades de difusão e compartilhamento potencializadas pelas novas tecnologias que vislumbram um número cada vez maior de pessoas fazendo uso das produções científicas.

Assim, acreditamos ser possível lançar novas compreensões sobre a estruturação da gestão do conhecimento a partir das culturas dos pesquisadores transferidas para difusão e compartilhamento do conhecimento produzido, já que tais agentes apresentam desenvolvimento no domínio das ferramentas tecnológicas de gestão dos sistemas, mecanismos e técnicas de difusão e compartilhamento do conhecimento que se estendem tanto na relação universidade/comunidades quanto entre os próprios pesquisadores.

Neste sentido, ter acesso ao conhecimento científico interessa a toda a sociedade. Não ter acesso à informação e ao conhecimento que dela deriva pode significar a exclusão de muitos dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais em curso. O acesso às TICs é uma prática que evita o aprofundamento das desigualdades ligadas ao acesso desigual a bens culturais. Acreditamos que podemos alcançar formas de vida mais digna, dadas às formas de apropriação social do conhecimento. Assim, devemos possibilitar que um número cada vez maior de pessoas seja contemplado com o conhecimento gerado nos centros de pesquisa, através da difusão e do compartilhamento deste.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuições para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1989.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**: A Era da Informação. Economia, sociedade e cultura. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DINIZ, M. B.; SALDANHA, I. **Democratizar o acesso aos conhecimentos científicos**: como, onde e porquê. Revista Digital - Buenos Aires, ano 11, n. 105, febrero de 2007.

DRUCKER, P. **Administrando para o futuro**. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli/ Cia Ltda, 1992.

ERA. **The European Research Area**: New Perspectives. Green Paper 04.04.2007

FRÓES BURNHAM, T. **Análise contrastiva**: memória da construção de uma metodologia para investigar a tradução de conhecimento científico em conhecimento público. **DataGramaZero** – Revista de Ciência da Informação – v.3, n.3, jun/2002

FUJINO A.; HYODO T. **Produção e difusão do conhecimento científico**: o potencial de contribuição da Biblioteca Universitária na formação de redes acadêmicas. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CBD/ECA/USP), 2006. Disponível em:  
[www.eca.usp.br/nucleos/pc/artigo/FUJINO%20e%20HYODO.pdf](http://www.eca.usp.br/nucleos/pc/artigo/FUJINO%20e%20HYODO.pdf). Acesso em: 18 out 2007.

GARVEY, W. D. **Communication**: the essence of science. Oxford: Pergamon, 1979. 332 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GIL VILLA, Fernando. **Crise do professorado**: uma análise crítica. Tradução de Tália Bugel. Campinas, SP: Papirus, 1998.

LEITÃO, J. S. S. **Estratégias para facilitar o compartilhamento de conhecimentos em uma organização de pesquisa e desenvolvimento**. (Tese Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, UFSC, 2006.

LEITE, F.; COSTA S. Repositórios institucionais como ferramentas de gestão do conhecimento científico no ambiente acadêmico. Consórcios de bibliotecas no Brasil: um desafio à democratização do conhecimento. **Perspectivas em ciências e informação**, Belo Horizonte, v.11 n.2, p. 206 -219, mai./ago. 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, R. S. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

MACHADO, J. A. S. **Difusão do conhecimento e inovação** - o Acesso Aberto a publicações científicas. Gestão de Políticas Públicas EACH/USP. In: Baumgarten, Maíra. (Org.). Conhecimentos e Redes: sociedade. Disponível em: [www.uspleste.usp.br/machado/t\\_05/acesso\\_aberto\\_machado.pdf](http://www.uspleste.usp.br/machado/t_05/acesso_aberto_machado.pdf) . Acesso em: 19 out 2007.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação Científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

NONAKA, I; TAKEUCHI, H. **Criação do conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

REZENDE, S. **Dia Nacional da Ciência**. Notícia do Portal do Ministério da Ciência e Tecnologia. Disponível em: <http://agenciact.mct.gov.br/index.php/content/view/48600.html>. Acesso: 08/07/08.

SCHUGURENSKY D. e NAIDORF, J. Parceria Universidade-Empresa e mudanças na cultura acadêmica: análise comparativa dos casos da Argentina e do Canadá. **Educ. Soc., Campinas**, vol. 25, n. 88, p. 997-1022, Especial - Out. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

SVEIBY, K. E. **A nova riqueza das organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Rede Interativa de Pesquisa e Pós-Graduação em Conhecimento e Sociedade (RICS), e a sua coordenadora Teresinha Frões Burnham.